

A Imigração Alemã na Literatura Brasileira: uma breve análise

Mariana Corallo M. de A. Kuhlmann¹

Resumo

O artigo propõe uma análise da passagem do imigrante alemão na literatura brasileira, com o intuito de observar a capacidade da literatura em registrar e representar aspectos históricos e aspectos socioculturais que condicionam comportamentos assumidos pela sociedade em determinadas épocas. Adiante, serão destacadas quatro obras, que serão brevemente analisadas, que retratam a imigração alemã, o que proporcionará uma conceituação mais prática da análise efetuada inicialmente e do percurso da imigração alemã na literatura brasileira: “Canaã” (Graça Aranha, 1905), “O Continente” (Erico Verissimo, 1949), “A Ferro e Fogo” (Josué Guimarães, 1972) e “Videiras de Cristal” (Luiz Antonio de Assis, 1990).

Palavras-chave: *Imigração alemã; Literatura; História.*

Panorama sobre a imigração alemã no Brasil

Inicialmente, será apresentado um breve parâmetro sobre a imigração alemã no Brasil, com a finalidade de melhor avaliar os contatos da literatura brasileira com os costumes do povo alemão.

Segundo registros, entre 1808 e 1822 houve a entrada de “mais de 200 alemães” (Fouquet, 1974: 48), atraídos pela intensa atividade portuária, o que promovia o enriquecimento das relações comerciais.

A imigração alemã nesse período, ainda que um pouco inexpressiva, promoveu a entrada de indivíduos que dentro da realidade imigratória, tentavam se adequar ao seu novo país, cultuando os seus costumes de origem. Gradualmente, os pequenos contingentes de alemães que se instauraram no Brasil, se agruparam fundando em 1921 a Gesellschaft Germania, “a mais antiga associação cultural e recreativa de caráter étnico surgida no país”

¹ Graduanda em Letras da Universidade de São Paulo.

(Seyferth, 1999: 273). Para muitos brasileiros, o país de origem dos imigrantes alemães permanecia uma incógnita, uma vez que a comunidade teuto-brasileira era pequena e desconhecida para boa parte da população.

O fluxo migratório proveniente da Alemanha em direção ao Brasil é intensificado no período a partir de 1824, estendendo-se até 1930: “Apesar de sua presença significativa em cidades como São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, a maioria encontra-se engajada em projetos baseados na pequena propriedade familiar, nas zonas rurais” (Huber, 2003: 1).

Segundo Seyferth (1999: 276) é notável a presença de alemães em projetos de colonização no Brasil, que se dirigiram para várias regiões, mas obtiveram sucesso principalmente no sul do país com a fundação da colônia de São Leopoldo no sul do país em 1824. É importante ressaltar que a forte presença de alemães em projetos colonizadores se explica, ainda segundo a autora, pela participação de muitos alemães no governo vigente na época.

Grandes comunidades alemãs começam a surgir no sul do país, uma vez que, como já foi citado, a pequena propriedade rural era um modo de produção familiar aos imigrantes alemães. O modo de vida comunitário e o isolamento em vilarejos fizeram com que muitas tradições e costumes alemães fossem preservados, incluindo a utilização do alemão como língua de uso cotidiano. Dessa forma, temos o seguinte painel: comunidades de imigrantes alemães, radicadas no Brasil, que estão culturalmente e linguisticamente isoladas.

No entanto, já por volta da década de 1910, o crescimento urbano de grandes cidades como São Paulo, começa a atrair os descendentes criados nas comunidades alemãs. No entanto, o choque cultural existente entre os descendentes e os brasileiros é de grande porte, considerando a dificuldade dos primeiros em se adequar ao modo de vida local.

Esta especificidade étnica, visível também na organização comunitária dos imigrantes que se dirigem para centros urbanos, chama a atenção dos nacionalistas brasileiros e cria situações de conflito que perduram até a década de 1940, tendo os pontos altos mais críticos sido alcançados naturalmente, na época das duas Guerras Mundiais. (Huber, 2002: 2)

As Guerras Mundiais trouxeram uma série de dificuldades para os imigrantes alemães: derrotados em conflitos de proporções exponenciais, foram alvo de discriminação ferina. Esse quadro em parte, fez com que muitos imigrantes e seus descendentes se agrupassem, promovendo o isolamento do restante do Brasil e cultivando aspirações separatistas que não foram bem sucedidas. Mas é preciso destacar que na 2ª Guerra

Mundial a comunidade teuto-brasileira enfrentou uma oscilação de *status* social: a posição do então presidente Getúlio Vargas, que demonstrava certa simpatia pelo governo alemão e pelas suas práticas ditatoriais, fez com que muitas famílias conservadoras passassem a ver com bons olhos a presença dos imigrantes alemães. No entanto a repentina mudança de posição do governo brasileiro, pressionado pelos EUA (país adversário da Alemanha na época) e a posterior derrota da Alemanha na guerra, fizeram com que uma nova onda de xenofobia arrastasse os imigrantes alemães e seus descendentes para a margem da sociedade. Tal situação foi normalizada gradativamente com o passar dos anos.

Uma característica visível sobre a colonização alemã é o fato de que ela não foi tão expressiva quanto os demais contingentes migratórios provindos de outros países. Segundo os dados apresentados por Lesser (2001: 78), entre o período de 1900-1909, do total de imigrantes que ingressaram no Brasil, apenas 2% eram alemães, cerca de 13.484 pessoas. Mais tarde, entre 1930-1939, a porcentagem subiu para 8%, um total de 27.497 alemães. Apesar do substancial aumento de imigrantes provindos da Alemanha, é observável que tal contingente nunca liderou as estatísticas.

Mas o que é interessante observar é o esforço dedicado pelos imigrantes teutônicos em conservar a cultura do país de origem e a língua materna, assim como as condições que proporcionaram tal comportamento: o isolamento das colônias alemãs em relação às zonas urbanas que se agitavam, acompanhando o desenvolvimento industrial, foi um fator que contribuiu expressivamente para que fosse estruturado esse painel de “especificidade étnica”, termo utilizado por Huber (2002: 2) para designar a realidade sócio-cultural da imigração alemã no Brasil.

A relevância desta imigração nada tem a ver com o número de imigrantes, que é muito menor do que o dos grupos vindos de países latinos como a Itália, Espanha e Portugal. Sua importância no contexto imigratório brasileiro, contudo, tem a ver com a forma de participação no povoamento dos três estados do sul do país, que ocorre em zonas pioneiras, e com a formação cultural de comunidades com traços específicos. (Huber, 2002: 2)

A mistificação da imigração

Como é possível observar amiúde através da história, o processo de imigração sempre esteve envolto de discriminação e preconceitos. A diferença cultural entre o povo que se instala em um novo país e o povo nativo de tal país gera uma série de receios em ambas as partes.

No que diz respeito, particularmente à imigração alemã, é visível que a consolidação de comunidades autônomas em regiões afastadas, causou nervosismo nos nacionalistas luso-brasileiros do século XIX.

A formação de colônias isoladas, com vida social autônoma, derivada da política governamental, também foi criticada. Silvio Romero foi um dos intelectuais que, no início do século XX, criticou o Império por ter criado colônias isoladas, permitindo a formação de quistos sociais, e falou do “perigo alemão”. (Oliveira, 1997: 14)

O temor em enfrentar a perda gradativa de terras e de enfrentar possíveis conflitos separatistas, fizeram com que a imigração fosse vista como um mal a ser controlado firmemente. Os costumes dos estrangeiros deveriam ser repreendidos e o contato com eles deveria ser evitado. Na maioria protestante, os alemães enfrentaram o desafio de conviver em um país majoritariamente católico, o que marginalizou a herança cultural que eles pretendiam manter no Brasil. Ao poucos, consolidou-se um processo de mistificação associado à imigração

Tal realidade, é válido salientar, não se restringiu somente à imigração alemã, mas sim a qualquer movimentação migratória que se dirigiu para o Brasil, com o objetivo de suprir as necessidades de mão de obra e de ocupação territorial. Uma série de estereótipos foi edificada a fim de evitar um possível contato cultural que contaminasse as tradições, por assim dizer.

Portanto Oliveira (1997: 61) ainda afirma que o imigrante é “desprestigiado na sociedade que o acolhe” e enfrenta o desafio de se adaptar em uma nova organização sócio-cultural. “Invasores”, “desconhecidos” e “perigosos” são termos constantemente associados àqueles que enfrentam as dificuldades de serem imigrantes num país estranho.

No entanto, é preciso salientar que há também certo receio por parte dos alemães em se relacionar com os brasileiros, principalmente no início do século XIX. Isso porque, muitos imigrantes alemães pretendiam enriquecer e retornar para a Alemanha. Esse objetivo sustentou a realidade de muitas famílias que impediam seus filhos de entrarem em contato com a cultura brasileira.

Mas, com o passar do tempo e com as dificuldades que deveriam ser eliminadas rapidamente se acumulando e permanecendo, a idéia de retornar para o país de origem tornou-se cada vez mais distante.

Surgem então, as tentativas dos descendentes de se inserirem no mercado de trabalho das grandes cidades, o que era muito difícil dada à distância existente entre as

pequenas comunidades rurais e os pulsantes centros urbanos, pois as tradições teuto-brasileiras eram bem diferentes das tradições correntes no Brasil de 1910.

Como já foi mencionado, a Primeira Guerra Mundial, inaugurou um considerável período de preconceito nacionalista que fez com que os alemães que residiam no Brasil se reservassem em suas comunidades e evitassem o contato com os brasileiros. Outro momento de tensão xenofóbica se deu na Segunda Guerra Mundial: a nova derrota da Alemanha e a queda do regime nazista fizeram com os descendentes de alemães sofressem novamente com o preconceito, sendo alvos de estereótipos e vítimas de confrontos violentos, como a invasão de casas e prisões deliberadas para àqueles que possuíam sotaque e sobrenomes alemães.

Nesse período, a própria comunidade alemã se dividiu: um grupo pretendia a preservação das suas tradições, sendo que muitas dessas tradições foram varridas pelas investidas conservadoras enquanto outro grupo tentou se inserir na sociedade, superando o rastro de destruição que foi deixado pela guerra.

Mas o que é interessante para o presente artigo, é seguinte situação: os preconceitos que envolvem a imigração refletem a visão de mundo de toda uma sociedade. Portanto é preciso observar como a visão de mundo de determinadas épocas é registrada nas obras literárias escritas por autores que viveram em períodos posteriores a elas. Tal tarefa abrange a identificação de lugares-comuns, no que diz respeito à representação da imigração, mas também a identificação de algumas peculiaridades que muitas vezes passam despercebidas diante das análises gerais.

A imigração na literatura

Notavelmente, o estranhamento em relação aos imigrantes se manifesta nos registros elaborados pelos intelectuais da época, nos jornais e nas obras literárias. A trajetória da imigração alemã, assim como a dos demais fluxos migratórios que se estabeleceram no Brasil, é demarcada por uma reação em cadeia da população local motivada pela solidificação das opiniões de intelectuais e escritores da época.

É errôneo desprezar o efeito influenciador que é manifestado a partir da criação literária, uma vez que a arte pode atuar sobre o indivíduo que a ela está exposto, “modificando a sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando o sentimento dos valores sociais” (Candido, 1965: 30). A esfera literária age sobre a dimensão cultural da sociedade, uma vez que a expõe seus receios, aspirações, considerações, tradições entre

outros fatores que compõem uma organização social, possibilitando a formação de opiniões ao apresentar retratos da sociedade em diferentes épocas.

Para compreender a trama de uma obra, é de suprema importância contextualizá-la. A posição existencial dos personagens, muitas vezes exige a contemplação da situação sócio-cultural que circunda os indivíduos representados. Aliás, explorar o momento histórico que a narrativa retrata é uma atividade importante para compreender a sua estrutura, uma vez que “os caracteres, as atitudes e as relações das personagens atuantes estão, portanto, estreitamente ligados às circunstâncias históricas da época” (Auerbach, 1953: 408).

Muitas obras de relevância na literatura brasileira avaliam a imigração e a utilizam como tema a ser trabalhado nos seus enredos. Como por exemplo, “Brás, Bexiga e Barra Funda” (Alcântara Machado, 1927) que avalia a situação do imigrante italiano na cidade de São Paulo e “O Cortiço” (Aloísio de Azevedo, 1890) que retrata a realidade de dois imigrantes portugueses na dura realidade social do Rio de Janeiro.

Aliás, num país como o Brasil que recebeu fluxos migratórios, muitos deles maciços, é compreensível que a imigração esteja inserida na literatura. Isso porque, a literatura registra realidades que lhe foram anteriores ou que lhe são contemporâneas, descrevendo a forma com que as pessoas interagem socialmente e até mesmo as múltiplas opiniões que coexistem em determinado período.

Portanto, a construção da imagem do imigrante nessas obras reflete as considerações de uma época sobre o tema e sobre a sua posição na sociedade. É possível avaliar tais considerações contemplando a participação e o modo com que os sujeitos literários que representam imigrantes são apresentados em determinadas obras literárias.

O papel do imigrante alemão na literatura brasileira

Após expor a associação que há entre a literatura brasileira e a imigração, propomos a formulação de uma análise, que acompanha a participação e a inserção do imigrante alemão.

Para não tornar a proposta exaustiva, foram selecionadas quatro obras que retratam a imigração teutônica no Brasil: “Canaã” (Graça Aranha, 1905), “O Tempo e o Vento” (Erico Verissimo, 1949), “A Ferro e Fogo” (Josué Guimarães, 1972), “Videiras de Cristal” (Luiz Antonio de Assis Brasil, 1990). A construção dos personagens e a forma com que

eles são apresentados serão avaliadas com o objetivo de observar como a memória histórica se projeta no universo criativo da literatura.

“Canaã” (Graça Aranha, 1905)

Essa obra de Graça Aranha, retrata as dificuldades enfrentadas por dois imigrantes alemães, Milkau e Lentz, que vivem no Espírito Santo. Ambos apresentam duas visões diferentes que coexistiam entre os imigrantes alemães.

Graça Aranha expõe tais visões, construindo seus personagens com posturas comportamentais opostas: Milkau representa o imigrante disposto a se aculturar, a se adaptar a nova terra, aproveitando as oportunidades que ela pode oferecer e entrando em contato com o povo que a habita. Acredita que o Brasil é “Canaã”, a sua terra prometida. Já Lentz representa o imigrante que não quer se envolver com a cultura da terra que o acolheu, que acredita que a mestiçagem gera uma raça fraca e que por isso evita o contato com a população local.

Apesar de possuírem visões antagônicas, tanto Milkau quanto Lentz possuem certas semelhanças: vieram para o Brasil porque não suportavam mais a organização social do seu país de origem e queriam ser livres: “Onde estava a Alemanha sagrada, a pátria do individualismo, o recanto suave do gênio livre? – perguntava a si mesmo Milkau no sussurro regular do almoço, contemplando o esquadrão de homens louros (...)” (Aranha, 1905: 41).

Havia a pretensão de começar uma nova vida, ideal perseguido por qualquer imigrante que chegava a um país estranho. É interessante como o autor projeta em seus personagens tais comportamentos, tão comuns aos imigrantes que se inseriram no Brasil, no século XIX.

E além de mostrar as dificuldades impostas pelo meio social, os conflitos pessoais dos personagens também são retratados: o choque cultural entre Lentz e o novo país e o seu apego a preservação da homogeneia étnica, são realidades que muitos imigrantes enfrentaram no Brasil. No entanto, ambos os imigrantes não apresentam uma ambição, que também era corrente entre os estrangeiros que vieram para o Brasil: retornar para seu país de origem.

A comunidade em que eles se instalam se assemelha à realidade de muitas comunidades teuto-brasileiras: não havia a situação de igualdade entre os imigrantes alemães. Muitos que já haviam prosperado contratavam como criados, os imigrantes

recém-chegados que não haviam tido tanto sucesso. E nessa comunidade fictícia são representadas também as relações entre os imigrantes, que muitas vezes preferiam que seus filhos não se envolvessem com os filhos de famílias mais pobres, por mais que elas também fossem alemãs.

“O Continente” (Erico Verissimo, 1949)

“O Continente” compõe uma trilogia denominada “O Tempo e o Vento”, juntamente com as obras “O Retrato” e “O Arquipélago”. É uma obra que focaliza o processo de ocupação da região sul, partindo da época em que havia as políticas de colonização, período que abrange a chegada das primeiras famílias alemãs em terras sulinas.

Em “O Continente” há um personagem chamado Capitão Rodrigo Cambará que casa-se com Bibiana Terra. No entanto, mulherengo, acaba se envolvendo com uma moça de uma família alemã, personagem secundária, chamada Helga Kunz. A sua família, recém-chegada na fictícia cidade de “Santa Fé”, foi recebida com estranhamento pelos habitantes nativos. E tal estranhamento merece atenção especial para a presente análise.

Erico Verissimo retrata o espanto causado pelo contato cultural entre os dois povos, característica comum no relacionamento entre brasileiros e imigrantes:

Em princípios de 1833 Santa Fé foi sacudida por uma grande novidade: a chegada de duas carroças conduzindo duas famílias de imigrantes alemães, as primeiras pessoas dessa raça a pisarem o solo daquele povoado. Os recém chegados acamparam no centro da praça, e em breve toda a gente saía de suas casas e vinha bombear. Muitos dos santa-fezenses nunca tinha visto em toda a sua vida uma pessoa loura, e aquela coleção de caras brancas, cabeleiras ruivas e douradas, olhos azuis, esverdeados e cinzentos – era uma novidade tão grande que a manhã de fevereiro mais parecia um dia santo com quermesse, cantigas e danças na frente da igreja. (Verissimo, 1949: 123)

Os costumes protestantes dos imigrantes alemães que se instalaram na comunidade também fazem parte da descrição da obra, assim como a censura dos habitantes católicos. O padre do vilarejo faz a seguinte asserção sobre Helga Kunz: “Encolheu os ombros num comentário silencioso e concluiu para si mesmo: ela é protestante. O confessionário faz muita falta para essa gente” (Verissimo, 1949: 137)

Tal estranhamento é apresentado a partir do ponto de vista dos nativos em relação ao povo que imigrou. A curiosidade e os comentários maliciosos são componentes que

margeiam as considerações feitas pelos personagens habitantes de Santa Fé, o que não foge da realidade da imigração no Brasil

“A Ferro e Fogo” (Josué Guimarães, 1972)

Em “A Ferro e Fogo”, a ótica representada fecha-se novamente no ponto de vista dos imigrantes alemães. A história é contracenada por uma família de alemães recém-chegados no Brasil Imperial que receberam a promessa do governo brasileiro de que obteriam terras férteis e prósperas. Mas quando chegam ao sul do país se deparam com um ambiente pobre e isolado. Esse quadro representa a desilusão de muitos imigrantes que foram atraídos com promessas de riqueza, mas que ao chegaram ao país, encontraram miséria e quiçá uma situação pior do que a enfrentada no seu país de origem.

A comunidade alemã instituída na obra representa um ambiente de luta pela sobrevivência entre os imigrantes, o que muitas vezes significava valer-se de meios ilícitos para conseguir o que se almejava, explorar e tirar proveito da ingenuidade de outrem.

“A Ferro e Fogo” também é uma obra que apresenta a realidade dos alemães que obtinham vantagens por terem contato com o alto escalão do governo imperial. Enquanto muitos imigrantes lavoravam em busca de melhores condições, outros usufruíam as vantagens que seus contatos pessoais forneciam.

O desencanto do imigrante em relação ao seu novo país é uma temática atuante na trama que acompanha o processo de adaptação do estrangeiro. O modo familiar de cultivo e administração das terras, exercido pelos personagens fictícios, é também uma característica corrente nos hábitos dos alemães que se instalaram na região sulina do Brasil.

“Videiras de Cristal” (Luiz Antônio de Assis Brasil, 1990)

Essa obra assume como temática central a presença de uma comunidade já instalada no Rio Grande do Sul, que se revolta contra as péssimas condições a que está submetida, e contra as promessas não cumpridas pelo governo.

Tal revolta é marcada por um confronto religioso aderido pelos imigrantes alemães, gerando a “Revolta dos Muckers” liderados por Jacobina Maurer. “Videiras de Cristal” faz uso da verossimilhança para retratar um momento histórico em que o desencanto dos contingentes migratórios foi amparado pelo fanatismo religioso.

O que nos interessa nessa obra são o desenho feito da situação precária dos imigrantes e também a divisão que atingiu a comunidade retratada: alguns imigrantes

decidiram se revoltar aderindo à causa da rebelião, já outros pretendiam continuar com as suas rotinas. Isso porque, os primeiros formavam um grupo de camponeses que sofriam com as promessas não cumpridas do Império, enquanto que os segundos formavam um seleto grupo de imigrantes alemães que prosperaram com a pequena indústria de manufaturados. Novamente é possível observar a divisão na comunidade alemã, o que demonstra que os interesses dos imigrantes nem sempre foram homogêneos em sua totalidade.

Há também outro fator interessante que não pode escapar à análise: apesar do esforço empreendido para superar a precária situação que enfrentavam, é visível a fraqueza do imigrante diante da realidade colonial, uma vez que a revolta é firmemente sufocada pelo governo, o que significa a manutenção da pobreza e da indiferença em relação aos imigrantes que vieram para o Brasil, quadro que não se limitava aos alemães. É possível então, tomar um caso específico para ter um parâmetro mais amplo das condições em que ocorreu a imigração no Brasil.

Considerações sobre a imigração alemã na literatura brasileira

A partir da análise que foi realizada anteriormente podemos notar como a literatura, na posição de forma de expressão humana, promove uma série de leituras sobre um mesmo tema; um determinado assunto pode se desdobrar em uma sucessão de obras, possibilitando a compreensão esférica sobre o contexto histórico representado.

As obras que foram citadas no presente trabalho apresentaram como tema central a imigração alemã no Brasil, o que torna identificável a existência e a repetição de lugares-comuns no uso do assunto em questão. Como por exemplo, todas retratam o modo de vida teuto-brasileiro em comunidades simples, onde conviviam diferentes famílias de imigrantes que enfrentavam dificuldades relacionadas ao trabalho, à adaptação sócio-cultural e ao preconceito.

Mas há ainda, peculiaridades que não foram tratadas amplamente por todas as obras em questão. “O Continente” apresenta a imigração alemã vista do ponto de vista dos brasileiros, condicionado pelo receio e curiosidade atrelados à imigração, que estranhavam o estereótipo físico e os costumes dos imigrantes. Já “Canaã” se dedica em promover o delineamento do imigrante alemão, que podia se dividir ideologicamente em dois perfis e que enfrentava não somente o pré-julgamento por parte da sociedade brasileira, mas também a discriminação por parte dos imigrantes que já haviam se instalado no Brasil e

atingido um modo de vida mais confortável. Aliás, a discriminação, a luta pela sobrevivência e o conflito de interesses entre os integrantes da própria comunidade alemã, também são retratados em “Videiras de Cristal” e em “A Ferro e Fogo”.

Dessa forma, a literatura é uma importante ferramenta de avaliação histórica e pode quiçá, assumir a tarefa relativa à documentação histórica, uma vez que apreende o que lhe é externo e o que lhe foi anterior. Muitas gerações podem identificar nas obras literárias a representação dos acontecimentos que lhe antecederam e observar o modo com que as pessoas de outras épocas anteriores lidavam com tais acontecimentos. E isso, representa um nicho da riqueza de aprendizagem que a literatura pode proporcionar, mergulhando os fatos históricos no universo literário e os apresentando embebidos na verossimilhança com a realidade.

Referências Bibliográficas

- VERISSIMO, Erico. *O Continente*. Porto Alegre: Globo, 1967.
- ARANHA, Graça. *Canaã*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1982.
- AUERBACH, Erich. Na Mansão de La Mole. In: AUERBACH, Erich (Org.). *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1953, pp. 405-441.
- BRASIL, Luis Antonio de Assis. *Videiras de Cristal*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1965.
- FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.
- GUIMARAES, Josué. *A Ferro e Fogo*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.
- HUBER, Valburga. *A Literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil*. Curitiba: UFRGS, 2002.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos Imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: Etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*, São Paulo: EDUSP, 1999, pp. 273-313.